

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER: CONTRIBUIÇÕES DAS NEUROCIÊNCIAS

Danilo Ribeiro do Nascimento Aragão¹, Virginia Turra², Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione³

SEXUAL VIOLENCE AGAINST WOMEN: CONTRIBUTIONS OF NEUROSCIENCE

VIOLENCIA SEXUAL CONTRA LA MUJER: CONTRIBUCIONES DE LAS NEUROCIENCIAS

Resumo: A violência sexual sofrida por mulheres é um problema de saúde pública. Segundo a Organização das Nações Unidas, estima-se que um terço das mulheres no mundo já foram vítimas de violência. Ademais, existe uma forte relação entre declínios cognitivos, disfunções sexuais e a manutenção de Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vitimadas. Por esse motivo, o objetivo deste trabalho foi evidenciar o olhar da Psicologia, mais especificamente das neurociências, sobre as práticas sexuais de mulheres, por meio de uma revisão bibliográfica. Discutir a vida sexual de mulheres vítimas de violência sexual revelou-se como um problema para esta investigação, pela escassez nas análises psicológicas, especialmente as inseridas no âmbito da cognição e das neurociências. Porém, os dados encontrados revelaram que existe uma preocupação, principalmente em outros países, para retornar estas mulheres a uma vida sexual satisfatória. É cabível uma reflexão sobre a necessidade de maiores estudos por meio da cognição e das neurociências, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de metodologias para abarcar as necessidades dessas mulheres e meios de proporcionar melhoria na qualidade de vida de maneira geral, e em termos de vida sexual, de maneira específica.

Palavras-chave: Cognição. Neurociências. Mulheres. Violência sexual.

Abstract: Sexual violence suffered by women is a public health problem. According to the United Nations, it is estimated that one-third of women in the world have already been victims of violence. In addition, there is a strong relationship between cognitive decline, sexual dysfunction and the maintenance of posttraumatic stress disorder in women victims. For this reason, the objective of this study was to evidence the Psychology, more specifically neurosciences, look at the sexual practices of women through a bibliographical review. Discussing the sexual life of women victims of sexual violence has proved to be a problem for this research, due to the scarcity of psychological analyzes, especially those inserted in the scope of Cognition and Neuroscience. However, the data found revealed a concern, mainly in other countries, to return these women to a satisfactory sexual life. A reflection on the need for further studies through Cognition and Neurosciences is especially appropriate, especially about the development of methodologies to address the needs of these women and means of improving quality of life in general, and in terms sexual life in a specific way.

Key words: Cognition. Neuroscience. Women. Sexual Violence.

Resumen: La violencia sexual sufrida por las mujeres es un problema de salud pública. Según la Organización de las Naciones Unidas, se estima que un tercio de las mujeres en el mundo ya han sido víctimas de violencia. Además, existe una fuerte relación entre declinaciones cognitivas, disfunciones sexuales y el mantenimiento de trastorno de estrés posttraumático en mujeres víctimas. Por este motivo, el objetivo de este trabajo fue evidenciar la mirada de la Psicología, más específicamente de las neurociencias, sobre las prácticas sexuales de mujeres, por medio de una revisión bibliográfica. Discutir la vida sexual de mujeres víctimas de violencia sexual se ha revelado como un problema para esta investigación, por la escasez en los análisis psicológicos, especialmente las insertas en el ámbito de la cognición y de las neurociencias. Sin embargo, los datos encontrados revelaron que existe una preocupación, principalmente en otros

¹ Biólogo e psicólogo pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: daniloraragao@hotmail.com

² Psicóloga, professora com pós-doutorado na área de Psicologia da saúde, atuante na graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: turra.virginia@gmail.com

³ Psicóloga, professora doutora em Cognição e Neurociências, atuante na graduação em Psicologia e na Pós-Graduação em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: isabelle.chariglione@p.ucb.br

países, para retornar a estas mulheres a uma vida sexual satisfatória. Es una reflexión sobre la necesidad de mayores estudios por medio de la cognición y las neurociencias, especialmente en lo que se refiere al desarrollo de metodologías para abarcar las necesidades de esas mujeres y los medios para mejorar la calidad de vida de manera general, y en términos de la vida sexual, de manera específica.

Palabras clave: Cognición. Neurociencia. Las mujeres. Violencia sexual.

Introdução

A sexualidade humana no decorrer da história sempre foi tratada como um tema “tabu”. É uma característica inerente aos seres humanos, capaz de modular e qualificar as bases da qualidade de vida do sujeito, sendo um marcador fundamental na percepção do bem-estar, mas para que isso aconteça é importante que as pessoas primeiramente sejam fortalecidas para efetuar suas escolhas em suas práticas sexuais. O que não nos seria estranho, durante o ciclo vital, a nossa incessante busca de relações sexuais que nos adêquem de modo satisfatório; o que se transforma em uma interessante “caçada” na busca por um(a) parceiro(a) (ALCOCK, 2011; ARAÚJO, 2010 apud DEL PRIORI 2012; CARNEIRO et al., 2012; FUTUYMA, 1992).

Acredita-se que 33% das mulheres no mundo já foram vítimas de agressão física e/ou sexual em algum momento da vida, sendo que adolescentes estão mais propensas a serem vítimas de estupros, tentativa de estupro e agressões sexuais. Considerando toda América Latina, observa-se que 36% das mulheres já sofreram algum tipo de abuso sexual. No Brasil, estima-se que aproximadamente 1,35 milhões de mulheres são vítimas de violência sexual por ano. Todavia, de acordo com o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, em 2015 foram registrados apenas 45.460 casos, sendo que deste valor 89% das vítimas eram do sexo feminino. Para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número de violências sexuais ocorrido no país é de 527 mil/ano, sendo que apenas 10% destes casos chegam ao conhecimento das autoridades (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016a; CERQUEIRA et al., 2017; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2013; SOUTO et al., 2017).

No Brasil, não existe uma central única responsável por concentrar estes dados, cada órgão possui a “autonomia” para divulgar os dados relacionados ao tema. Nos dados disponibilizados sobre ano de 2016 pela Central de Atendimento da Mulher, Disque 180, foram contabilizados 11.133.345 atendimentos, um recorde para instituição, 51% de aumento se comparado ao mesmo período no ano anterior. Ainda sob essa vertente comparativa, houve um aumento de 103,9% nas denúncias de violência sexual, elevando a média para 19,38 casos por dia, correspondendo a 5,05% (7.094) do total. Dentre essas denúncias: 6.045 foram de estupros, um aumento

de 121% com média de 16,51 relatos/dia; 711 casos de exploração sexual, aumento de 34%, com média de 59,25 relatos mês; e 338 relatos de assédio sexual no trabalho. O tráfico de pessoas para fins sexuais somou 58,04% do total, com destino internacional e 52,68% das fronteiras internas (BRASIL, 2017). Em 10 anos de funcionamento – de 2005 a 2015 – o Disque 180 recebeu 9.675 (2,32%) denúncias de violência sexual. É de suma importância salientar que em 67,36% dos relatos de violência, o agressor possui um vínculo afetivo com a vítima. São eles: maridos, namorados, amantes ou são “ex”. Não de forma coincidente são indivíduos que conseqüentemente acabam por ter relações sexuais com essas mulheres, provocando sequelas futuras (BRASIL, 2015; FACURI, 2013).

A violência sexual, que é classificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um problema de saúde pública, gera efeitos avassaladores na vida da vítima, englobando tanto a sua área física quanto a sua área mental, em curto e em longo prazo. Segundo Dantas-Berger e Griffin (2005), em um levantamento internacional, a violência sexual está acompanhada da violência física e psicológica. Mulheres vitimadas tendem a apresentar uma vulnerabilidade para problemas psiquiátricos atingindo diretamente sua vida sexual. É preciso levar em consideração que os agressores, em sua maioria, são os companheiros e/ou cônjuges, ou seja, seus parceiros sexuais, sendo assim, como ficará a vida sexual destas mulheres após sofrer a agressão? (BRASIL, 2016b; DALGALARRONDO, 2011; DEL PRIORI, 2012; FACURI, 2013).

É inegável a forte relação entre abuso sexual e doença mental, as mulheres vítimas estão mais propensas a desenvolverem uma série de alterações psicológicas e cognitivas para o resto da vida, como: ansiedade, depressão, tendência ao suicídio, déficit dos processos cognitivos, culpa, vergonha, sensação de solidão e medo da morte (BORGES; DELL’AGIO, 2008; BRASIL, 2016b; CERQUEIRA et al., 2017; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2013; SOUTO et al., 2017).

Mello e colaboradores (2009) exaltam que indivíduos que sofreram algum tipo de abuso físico (sexual, agressivo, marginalizado etc.) antes dos 18 anos tiveram mais impactos do que indivíduos em idades posteriores. As sequelas estão entre os sérios problemas psicológicos irreversíveis e distúrbios cerebrais como: super excitabilidade do sistema límbico ocasionando déficits no

comportamento, redução da amígdala responsável por correlacionar sentimentos como depressão, hostilidade e irritabilidade e um desenvolvimento precário do lobo temporal esquerdo. A relação entre a violência sexual sofrida por mulheres e sua situação sexual após a violência deve-se a dois grandes fatores: o primeiro, abrange as mulheres que sofrem agressão em sua primeira relação sexual, fato este de extrema preocupação para a futura vida sexual desta vítima; e o segundo engloba mulheres já com uma vida sexual ativa. Contudo, entende-se que de alguma forma, em ambas configurações existe uma relação de apropriação e posse do corpo dessa mulher (ALTMAN, 2007; BEZERRA et al., 2016; OSHIKATA, 2005; TRONCO; DELL'AGLIO, 2012).

Dentre as possíveis respostas perante as situações de perigo, a imobilidade tônica ou comportamento de congelamento (*freezing behavior*) destaca-se neste momento. Este comportamento é observado como uma adaptação à sobrevivência e perpetuação da espécie, assim como os comportamentos de luta e fuga. A imobilidade tônica também passa a ser uma característica selecionada pela evolução, em situações nas quais a luta ou fuga não são possíveis. Mulheres vítimas de agressão sexual, apresentam este tipo de comportamento quando expostas a estímulos de uma possível agressão e ainda aquelas em que a agressão é recorrente, o que pode ser considerada como uma estratégia evolutiva involuntária (ALCOCK, 2011; FREITAS; FARINELLI, 2016; SOUZA et al., 2013; VOLCHAN et al., 2011).

Para Shuhama e colaboradores (2016), estudos de neuroimagem revelaram que o simples fato de recordar, ou estar na presença de estímulos que remetem a algum fato impactante é o suficiente para ativar respostas biológicas e comportamentais, levando à imobilidade tônica. Este tipo de comportamento é prevalente nas vítimas de violência sexual, principalmente naquelas de casos recorrentes e assim, frente a todo e qualquer estímulo que gere lembrança ao ato, o comportamento pode aparecer novamente.

Em vítimas de violência sexual as experiências de congelamento têm sido associadas a problemas psicológicos como aumento significativo da ansiedade, depressão e sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e comprometimentos funcionais. Ainda sob esta perspectiva, os fatores de risco para um TEPT parecem ser os mesmos para imobilidade tônica. É possível afirmar que a postura imóvel ocorre logo após a exposição ao estímulo que gera medo na vítima e previamente aos sintomas de TEPT, portanto existe uma linha tênue entre eles, evidenciando uma similaridade e confirmando que a resposta de imobilidade tônica se utiliza do mesmo maquinário que o TEPT, podendo agravá-lo (ALCOCK, 2011; BLANCHARD et al., 2001; FREITAS; FARINELLI, 2016; BOVIN et al., 2008; SOUZA et al., 2013; VOLCHAN et al., 2011).

É preciso chamar atenção para esse tipo de resposta. Relatos como estar trancado dentro do próprio corpo e de culpa e vergonha são recorrentes, já que a imobilidade tônica e esses discursos parecem ser muito recorrentes em mulheres expostas a estímulos de violência sexual. Por muitos momentos esta imobilidade é interpretada pelo violentador como consentimento à violência e por isso cabe ao meio científico desmistificar isto, e mostrar que estar imóvel não é consentir. A imobilidade tônica é uma resposta evolutiva ao medo e sintoma de TEPT, e de forma nenhuma está associada à concordância em ser violentada sexualmente. Essas vítimas estão propensas a receber menos empatia, atenção legal, ou até mesmo ser culpabilizadas por ter quisto a violência sexual, já que os meios judiciais e culturais entendem, de alguma forma, que a luta ou fuga são as únicas respostas e a ausência dessas reações é entendida como consentimento (VOLCHAN et al., 2011).

Assim, dentro dessa compreensão de que as neurociências são uma vertente científica que visam compreender as bases do funcionamento do sistema nervoso e suas relações – ou seja, as relações entre os processos que envolvem as ciências biológicas e os mecanismos das ciências psicológicas – se faz necessário posicioná-las como uma importante ferramenta na pesquisa do cérebro. (LENT, 2008; SOLLERO-DE-CAMPOS; WINOGRAD, 2009).

Porém, antes de prosseguir é importante destacar que esta pesquisa não tem o propósito de explicar, compreender, justificar ou dar bases para defender o estupro, muito menos caracterizá-lo como algo bom ou ruim, moral, ético, desejável e aceitável. O objetivo deste artigo consiste em evidenciar o olhar da Psicologia, mais especificamente das neurociências, sobre as práticas sexuais de mulheres vítimas de abuso sexual, e os meios de intervenções dessa importante ferramenta para essas mulheres.

Percurso metodológico e discussão

A pesquisa foi realizada entre maio e novembro de 2017. Em um primeiro momento a construção dessa metodologia deu-se a partir de uma revisão sistemática da literatura, a fim de compreender as produções a respeito do tema, fomentar os objetivos e direcionar suas premissas.

O primeiro passo foi levantar livros e artigos físicos na biblioteca da Universidade Católica de Brasília, e, nesta pesquisa, não se obteve materiais que abordassem especificamente uma análise das neurociências das práticas sexuais de mulheres vítimas de violência sexual. O segundo passo foi realizar a pesquisa em bancos de dados virtuais. Foram pesquisados Google Acadêmico, Scielo e Portal Capes, usando os seguintes descritores: mulheres, vida sexual, satisfação sexual, disfunção sexual, sexo coercivo/coercitivo, vítimas, violência sexual e estupro. A pesquisa, *a priori* deu-se apenas em língua portuguesa, para verificar

a eficácia dos descritores. Foram utilizados em duplas, com todas as combinações possíveis, mas os resultados foram os mais diversos e amplos.

Assim, a fim de minimizar os erros e a possibilidade de não serem encontrados artigos referentes ao questionamento desta pesquisa, foram selecionados descritores que fossem mais frequentes na temática da violência sexual feminina e organizados em dois grupos. Além dessa escolha, as palavras foram utilizadas em conjuntos e com ferramentas de filtro. Todas as palavras do grupo 1 (um) foram testadas com as do grupo 2 (dois), com e sem as

ferramentas de filtro. Em outro momento, a ordem de pesquisa também foi verificada, ou seja, as do grupo 2 com as do grupo 1. Foram pesquisados em dois idiomas: português e inglês em bases de dados científicas virtuais como: BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, BVS – Psicologia, Bireme, Pubmed, Portal Capes, Google Acadêmico, Apa Psycnet, *The Journal of Sexual Medicine* e o *Journal of Psychology and Human Sexuality*. De forma complementar foram consultados livros constituintes do acervo da UCB. O Quadro 1 mostra os grupos de palavras utilizadas.

Quadro 1 - Constructos utilizados para pesquisa na segunda fase

Grupo 1	Ferramentas de Filtro	Grupo 2
Práticas Sexuais femininas/ mulheres (Female/Woman Sexual Practices)	And	Abuso sexual (Sexual Abuse)
Comportamento Sexual feminino/mulheres (Female/Woman Sexual Behavior)	E	Estupro (Rape)
Vida sexual feminina/ mulheres (Female/Woman Sexual Life)	;	Violência Sexual (Sexual Violence)
Disfunção Sexual feminina/ mulheres (Female/Woman Sexual Dysfunction)	+	Sexo coercivo/ Coercitivo (Coercive sex; Coercitive sex)
Função Sexual feminina/ mulheres (Female/Woman Sexual Function)	“o”	Agressão sexual (Sexual assault)
Sexualidade Feminina (Female/Woman Sexuality)	Pós/após	
Vítimas sexuais (Female/Woman Sexual Victims)	Depois	

Visando a possibilidade de serem encontrados estudos de diversas áreas que utilizaram algumas dessas palavras-chaves, os critérios de inclusão foram: o estudo apresentar palavras dos grupos um e dois (e vice-versa), obrigatoriamente, em qualquer parte do texto – título, resumo (*abstract*), palavras-chave – ter mulheres em qualquer fase de desenvolvimento, que foram vítimas de abuso sexual, como sujeito principal de análise, e ter em seu desenvolvimento relatos sobre vida sexual após o abuso. Como fatores para exclusão: não apresentar as palavras-chave em conjunto, não ter relatos de vida sexual após o abuso, ter como objeto de análise apenas homens e ter como prevalência de análise os abusos sexuais infantis.

Os resultados encontrados passaram por dois momentos de seleção: o primeiro foi obedecer aos critérios de inclusão e exclusão; e o segundo foi a leitura minuciosa do texto para melhor relação com o tema. Durante a combinação das palavras houve diferenças nos resultados

e percebeu-se que as ordens das palavras alteraram significativamente a quantidade de artigos encontrados.

De forma geral, foram encontrados muitos artigos relacionados à gravidez e ao aborto em decorrência da violência sexual, relatando sobre o acolhimento de vítimas. Percebeu-se um crescente movimento de publicações a respeito da Psicologia jurídica do ato de abuso sexual. As predominâncias dos artigos encontrados versaram sob uma perspectiva do agressor. É importante salientar que um número significativo dos artigos estrangeiros que versaram sobre violência sexual, estupro, sexo coercivo e agressão sexual dissertaram sobre uma perspectiva de “prevenção” (*prevention*) ao ato.

Outra vertente encontrada foi de estudos a respeito de abuso sexual infantil. Esses, por sua vez, foram verificados da seguinte forma: tiveram que passar pelo mesmo crivo de inclusão e exclusão dos demais, e no seu conteúdo, deveriam relatar sobre a vivência sexual

quando adulto, que fora vítima de abuso sexual na infância e suas sequelas. Já aqueles que relataram apenas o abuso sexual na infância sem a perspectiva de uma vivência sexual *a posteriori* foram descartados. Logo, estima-se que crianças vítimas de alguma violência sexual, não tenham iniciado sua vida sexual voluntariamente e não irão continuar essa prática sexual até atingirem uma tenra idade e maturação biopsicossocial para isso.

Finalizando o processo de pesquisa, foram encontrados quatro artigos científicos nucleares: Freitas e Farinelli (2016), Perilloux e colaboradores (2012), Weaver (2009) e Van Berlo e Ensink (2012); dois artigos investigativos da BBC: Passarinho (2017) e Ventas (2017); e uma subcategoria de três artigos periféricos Borges e Dell'aglio (2008), Crump e Byers (2017) e Souza e colaboradores (2013), totalizando nove artigos a respeito do tema central do presente artigo.

Como percurso metodológico para este tema com bibliografia tão escassa na área da cognição e das neurociências, o caminho mais eficiente para encontrar mais produções foi verificar as referências dos primeiros artigos encontrados, produzindo assim um efeito cascata. Utilizou-se os preditores nos bancos de dados e foram encontrados apenas dois estudos: Weaver (2009) e Freitas e Farinelli, (2016). Os demais surgiram através da verificação bibliográfica destes que, quando encontrados, foram identificadas suas bibliografias e assim por diante. A única exceção foi Souza e colaboradores (2013), que surgiu durante a produção introdutória e, em seguida, como citação de um dos artigos pesquisados.

Assim como para a elaboração deste estudo, Weaver (2009) se propôs a realizar um levantamento bibliográfico sobre o impacto do estupro na sexualidade feminina e encontrou uma série de dificuldades na realização do trabalho, principalmente pela escassez de resultados, e propôs investigar de uma forma global os aspectos que afetam de forma direta as variáveis biológica e psicológica da vida da vítima.

Encontrou-se fundamentos de que mulheres vítimas de agressão sexual diminuem a frequência sexual de forma significativa por até um ano pós agressão. Uma das hipóteses levantadas é que fatores como satisfação sexual, excitação e desejo são diretamente afetados por um declínio dos fatores cognitivos baseados no trauma, na culpa e principalmente na vergonha (WEAVER, 2009).

Em outros estudos pesquisados pelo autor supracitado encontrou-se uma taxa de lesão genital em vítimas, que pode chegar a 87%. Este número variou de acordo com a técnica utilizada para análise, com a idade e a cor da pele. Além destas lesões, o autor pontuou o alto índice de mulheres infectadas com Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) como sequelas da violência. Das pesquisas encontradas, mulheres entre adolescência e início da vida adulta, brancas, sem experiências sexuais

anteriores, apresentaram maior incidência de lesões genitais e presença de algum tipo de DST. Relata ainda que as vítimas apresentaram alguma disfunção menstrual, como ausência da menstruação ou hemorragia excessiva, fluxos menstruais irregulares e dolorosos, ausência de prazer sexual e problemas reprodutivos (WEAVER, 2009).

Outro ponto exposto é que mulheres vitimadas tendem a apresentar um comportamento sexual de risco (promíscuo) se comparado com mulheres não vítimas. Dados adicionais apontaram que possuem um número maior de parceiros ao longo da vida; evitam o uso de preservativos; consomem mais álcool e drogas antes e durante as relações sexuais, o que as levam a ter relações com os indivíduos mediadores destas drogas e praticam mais sexo com desconhecidos. Os distúrbios biológicos e psicológicos afetaram de forma direta e indiretamente no comportamento sexual das vítimas (FREITAS; FARINELLI, 2016; WEAVER, 2009).

Esses dados corroboram com a exposição de Freitas e Farinelli (2016) que relatam sobre as consequências posteriores à violência como o declínio cognitivo; a incidência de depressão maior; na qual a vítima se desinteressa por atividades significativas da vida; a íntima relação com a violência e o TEPT; hipervigilância; evidente retraimento social, capacidade reduzida em sentir e demonstrar emoções, intimidade e sexualidade. Considerando o fato de que a maioria dos abusos é praticada por pessoas "íntimas" da vítima, é compreensível que além de todo impacto biopsicossocial, a pessoa tenha e encontre dificuldades em sua intimidade e sexualidade. Portanto, ter e manter um novo relacionamento amoroso após a violência é algo delicado as vítimas, já que em decorrência disto a insatisfação nas relações é evidente, por não confiarem em seus parceiros, e não só nestes, mas a falta de confiança afeta diretamente a rede de relacionamentos desta mulher. Por outro lado, ter um parceiro amoroso, que não é o agressor, é um fator protetivo ao desenvolvimento de psicopatologias e disfunções sexuais associados à violência sofrida, fator concordante com os discursos apresentados por Perilloux e colaboradores (2012), que relataram que por terem um parceiro amoroso, o percurso até uma possível normalidade no cotidiano, de vida e sexual, foi mais fácil e fortalecedor.

O TEPT parece ser um fator moderador para o desenvolvimento e a fixação de problemas sexuais a longo prazo e na retomada futura da vida sexual. Alguns autores acreditam que as vítimas de crimes sexuais tendem a responder e sustentar sentimentos negativos perante novas relações amorosas/sexuais, enquanto por outro lado, os sentimentos positivos eram suprimidos, em uma espécie de entorpecimento emocional (FREITAS; FARINELLI, 2016; VAN BERLO; ENSINK, 2012; WEAVER, 2009).

A disfunção sexual é outra consequência exposta nas duas pesquisas, e sua permanência patológica é

dependente das emoções vivenciadas durante e após o ato. A polaridade de diminuição do interesse e uma compulsão sexual, pode ser traduzida na forma que a vítima experiencia a agressão. A queda no interesse provém de uma associação duradoura que a vítima faz de que o sexo é algo ruim, doloroso e desprazeroso. Na extremidade, a expressão de uma hipersexualidade advém de uma intensa relação de dominação, poder e controle; dominação desse homem, que antes a dominou; o poder sobre o outro para fazer o que quer, até mesmo reproduzir a violência, quando antes fora submissa e violentada, e a retomada do controle de sua vida sexual. Apesar desses dados, é importante frisar que também existem mulheres que relataram que a sua vida sexual não foi afetada pela violência e que mantêm a frequência e satisfação sexual de antes do abuso (BORGES; DELL'AGLIO, 2008; FREITAS; FARINELLI, 2016; VAN BERLO; ENSINK, 2012).

A violência contra as mulheres no Brasil é uma prática velada, muda e encoberta, um silêncio que afeta a vítima, de forma a tentar se compreender em seu imaginário, sua autoimagem, autopercepção, o que será de si própria; seus valores e crenças não possuem mais o mesmo valor e o que a fez ser merecedora da vida. As fronteiras se diluem, levando com elas fronteiras dos limites, aflorando um intenso desejo da invisibilidade perante a si e principalmente ao outro e ao mundo, gerando a negligência e o abandono de si, derivado de uma percepção de sempre estar “suja”, “imunda”, “feia”, “nojenta” entre outras percepções. A reconstrução dessas barreiras violentadas perpassa pela construção de novos limites consigo e com o outro. Contudo, estas delimitações são fluidas, devido à dinâmica da instalação e da manutenção do trauma vivido (FREITAS; FARINELLI, 2016; SOUZA et al., 2013; VAN BERLO; ENSINK, 2012).

Van Berlo e Ensink B. (2012), em seu estudo intitulado *Problems with sexuality after sexual assault*, apontaram que mulheres vítimas de agressão sexual apresentam uma diminuição significativa no desejo e na prática sexual pós-violência. Essa queda pode permanecer em média por um ano ou mais e até mesmo pelo resto da vida das vítimas. Contudo, no transcorrer do artigo, relatam que alguns autores afirmam que os estímulos sexuais, não ou menos satisfatórios, são aqueles relacionados ao ato da violência, e que os outros e a satisfação autoerótica permaneceram inalterados. Esse argumento é discordante dos outros artigos encontrados que afirmaram que todo o espectro sexual da vítima é afetado.

Parece que, de alguma forma, o sentimento de culpa que permanece na vítima após a agressão é fator preponderante na prática sexual posterior. Mulheres violentadas, nas quais o agressor não realizou ou realizou poucas coerções verbais e predominantemente utilizou agressão física, não apresentaram disfunções sexuais significativas. Já nas situações em que houve intensa vocalização

por parte do agressor, as mulheres apontavam disfunções sexuais severas (VAN BERLO; ENSINK, 2012).

A idade também é um fator importante de vitimização. Em todos os artigos encontrados aponta-se o alto número de crianças e adolescentes vitimadas. E mesmo quando não existe o dado exposto, no relato das mulheres adultas, existe a exposição de terem sido abusadas nessas fases de desenvolvimento, que não coincidentemente é um momento de transição para o momento de fertilidade biológica e maturação cognitiva em mulheres. Só no Brasil 70% das denúncias de violência sexual são acoetidas em crianças e/ou adolescentes, o que não é uma ocorrência só em humanos, como vimos anteriormente, existe esta ocorrência também entre as fêmeas dos primatas, o que evidencia que o comportamento de estupro possui muitas características em comum entre todos primatas (CERQUEIRA et al., 2017; FREITAS; FARINELLI, 2016; PERILLOUX et al., 2012; SHIELDS; SHIELDS, 1985; VAN BERLO; ENSINK, 2012; WEAVER, 2009).

Perilloux e colaboradores (2012) realizaram uma análise sobre os “custos do estupro”, e através de uma análise quantitativa verificou que mulheres estupradas apresentaram mais afetos negativos nos aspectos de autoestima, reputação sexual, frequência e desejo, se comparadas a vítimas de tentativas de estupro. Contudo, ambos grupos apresentam afetos negativos em todos os domínios pesquisados. Dentre os artigos pesquisados, este é o único que faz uma menção a respeito do peso evolutivo do comportamento de violência sexual para a nossa espécie, trazendo que sim foi/é uma estratégia utilizada por homens para obter algo, contudo é um estado desadaptativo em mulheres, pois as consequências são extremamente onerosas às vítimas, o que corrobora com os estudos apresentados anteriormente neste trabalho. Como visto anteriormente, fêmeas vítimas de sexo coercivo tendem a se unir para reproduzir com qualquer macho do bando, fato este que não condiz com o repertório reprodutivo das fêmeas não violentadas (PERILLOUX et al., 2012; SHIELDS; SHIELDS, 1985).

A pesquisa realizada por Lindsay Crump e E. Sandra Byers (2017) demonstrou que as práticas sexuais em grupos de minorias de mulheres (lésbicas, bissexuais *Queer*, indecisas e questionadoras) que foram vítimas de abuso sexual infantil após o fato conseguiram manter relacionamentos amorosos e práticas sexuais. Os dados inferiram uma possível diferença entre as consequências do abuso e as vivências sexuais desse grupo se comparados ao grupo de heterossexuais. As mulheres em grupos de minoria relataram ter uma qualidade sexual, o que não foi encontrado em grupos de heterossexuais vitimadas. Elas descreveram positivamente sua sexualidade em domínios comportamentais, motivacionais e cognitivo-afetivos, logo, não evidenciaram sequelas significativas derivadas da violência sexual sofrida. Entretanto demonstram,

em uma comparação dentro do grupo entre vítimas de abuso sexual completo (quando há penetração) e o outro, apenas tentativa de abuso, que o primeiro grupo possuiu uma queixa maior na diminuição do desejo sexual, menor satisfação sexual e pensamentos automáticos negativos mais frequentes, o que afetou diretamente a estabilidade dos relacionamentos amorosos. As autoras relataram que mulheres desses grupos minoritários tenderam a sofrer abuso na infância e quando adultas. Um ponto, que pode ser uma alternativa à explicação desse fato, foi exposto por Souza e colaboradores (2013) quando afirmam que em uma pesquisa realizada com adolescentes com histórico de violência sexual elas apontaram: medo agudo de estar com o sexo oposto (agressor), evitação de novas práticas sexuais e medo de sofrer nova violência em seus futuros relacionamentos com o outro sexo.

Uma referência deve ser feita ao artigo de jornal investigativo produzido por Leire Ventas (2017). Dentre a bibliografia encontrada foi o único estudo que efetivamente preocupou-se em olhar para instrumentos e práticas para realocar esta mulher em sua vivência sexual saudável, não apenas expor dados como os outros.

Conclusão

A proposta inicial desta pesquisa, para além dos objetivos apresentados, constituiu em evidenciar as produções científicas que versaram a respeito da vida sexual de mulheres vítimas de violência sexual, objetivando agregar a essa mulher um alívio de alguma forma, apoderando-se de si, do seu corpo, novamente. Como a Psicologia tem produzido, pesquisado, explorado e olhado para isso? O que especificamente as neurociências tem apresentado? Pelos dados encontrados, não muito. O segmento científico que tem como material de trabalho o humano apresenta uma lacuna em um momento de vida e em um comportamento tão importante na vida de uma mulher, o comportamento sexual.

Os estudos encontrados foram generalizantes, trataram das vítimas de agressão sexual, e isso envolveu meninas, meninos, homens e mulheres. Observou-se que a preocupação com o retorno dessa mulher a uma vida sexual satisfatória foi ignorada, principalmente pela Psicologia que possui papel crucial e fundamental em todo o processo. Percebe-se que a Psicologia se absteve desse lugar, focando as intervenções em acolhimento e processo terapêutico limitado a uma possível superação do ocorrido, sem se desdobrar para as questões emocionais e comportamentais após o evento. Considerando as lutas contra uma sociedade machista, a Psicologia como ciência e seus operadores, acabaram por se tornarem incoerentes, por se afastarem da perspectiva das mulheres vítimas de violência sexual e da preocupação dessas retomarem o controle de sua vida sexual. Esquecendo

da importância do comportamento sexual para a vida de uma mulher, e conseqüentemente, para seu bem-estar. E a Psicologia se ausenta nesse lugar. E as neurociências não poderiam contribuir em compreensões mais Psicofisiológicas e de intervenção?!

Na maioria dos estudos (todos estrangeiros) foram aplicados questionários, testes, inventários e entrevistas, para analisar a fala dos sujeitos que sofreram a violência sexual. No único artigo brasileiro encontrado (FREITAS; FARINELLI, 2016) foram feitas entrevistas em três mulheres vitimadas e realizadas por assistentes sociais. Entendendo-se aqui que para uma melhor discussão a respeito do tema, seria fundamental o acesso a essas vítimas.

É importante reafirmar que este levantamento focou em bases de artigos. Outras pesquisas em outras bases, como, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES, fornecerão outras formas que enriquecerão a abordagem do tema. Sendo o tema bastante profícuo, e, a título de curiosidade, utilizando os constructos do Grupo 2 acrescidos de “mulher” na BDTD, teremos os seguintes quantitativos de trabalhos: abuso sexual (63); estupro (106); violência sexual (230); sexo coercivo/coercitivo (zero); e agressão sexual (10), num total de 312 trabalho, tendo-se retirados os títulos repetidos, encontrados em mais de um marcador. Esses trabalhos mostram a possibilidade de olhar mais efetivamente para essas mulheres que precisam seguir as suas vidas, se organizar e pensar em estratégias de superação, desafio proposto para nós, psicólogos e neurocientistas.

Pretendeu-se, então, de alguma forma, trazer essa discussão para a importância de respaldos éticos para a execução de trabalhos que possam ampliar o número e a divulgação de trabalhos mais interventivos, promovendo uma ciência ao alcance de todos. Entende-se que apenas pesquisando e indo a campo será possível efetivar melhores metodologias e principalmente resultados benéficos às vítimas. A violência sexual perpetrada por homens é uma realidade, e como visto, possui uma amplitude de fatores, perpassando pelo social, biológico e psicológico.

Por fim, entende-se que seja importante a continuidade de reflexões como essa, aqui propostas, para maiores fundamentações de metodologias de acesso às vítimas, de como melhor coletar os dados, de estratégias terapêuticas mais apropriadas para lidar com essa demanda tão diversa e delicada de mecanismos para que esta mulher consiga ter uma vida sexual satisfatória e saudável, fator importantíssimo ao seu bem-estar biopsicossocial.

Referências

ALCOCK, J. *Comportamento animal: uma abordagem evolutiva*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BEZERRA, J. et al. Conceitos, causas e repercussões da violência sexual contra mulher na ótica de profissionais de saúde. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 51-59, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/408/40846964008.pdf> Acesso em: 10 nov. 2017.

BLANCHARD, D. C. et al. Human defensive behaviors to threat scenarios show parallels to fear and anxiety related defense patterns of non-human mammals. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, New York, v. 25, n. 7-8, p. 761-770, Dec. 2001.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 371-379, abr./jun. 2008.

BOVIN, M. et al. Tonic immobility mediates the influence of peritraumatic fear and perceived inescapability on posttraumatic stress symptom severity among sexual assault survivors. *Journal of Traumatic Stress*, v. 21, p. 402-409. 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jts.20354>. Acesso em: 04 abr. 2019.

BRASIL. Secretária de Políticas para mulheres. *Central de atendimento à mulher – Ligue 180 completa 10 anos*, 2015. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180-10meses-1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017

BRASIL. Secretária de Políticas para mulheres. *A violência contra a mulher*. 2017. Disponível em: http://www.spm.gov.br/balanco180_2016-3.pdf. Acesso em: 15/04/2017.

BRASIL. Secretaria de Políticas para Mulheres. *Balanco Semestral: Janeiro a Junho*. Brasília, 2016b. Disponível em: http://www.spm.gov.br/balanco180_2016-3.pdf. Acesso em: 16 abr. 2017.

CARNEIRO, V. M. B. et al. Sexualidade em mulheres com lesão na medula espinhal. *Revista de Pesquisas em Saúde*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 30-33, jan./abr. 2012.

CERQUEIRA, D. et al. *Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014*. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2313.pdf. Acesso em: 29 set. 2017.

CRUMP, L.; BYERS, S. E. Sexual well-being of sexual minority women in dating relationships who have experienced childhood sexual abuse and/or adolescent and adult sexual victimization. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, East York, v. 26, n. 2, p. 163-173, 2017. Disponível em: <https://utpjournals.press/doi/10.3138/cjhs.262-a4> Acesso em: 1 nov. 2017.

DALGALARRONDO, P. *Evolução do cérebro: sistema nervoso, psicologia e psicopatologia sob a perspectiva evolucionista*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, mar./abr. 2005.

DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FACURI, C. O. et al. Violência sexual: estudo descritivo sobre vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 889-898, maio, 2013.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016*. São Paulo, ano 10, 2016a. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.

FREITAS, M. L.; FARINELLI, C. A. As consequências psicossociais da violência sexual. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 37, p. 270-295, 1º sem. 2016.

FUTUYMA, D. J. *Biologia evolutiva*. 2. ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética: CNPQ, 1992.

LENT, R. *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MELLO, M. F. et al. Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal.

Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, n. 31, supl. 2, p. S41-S48, out. 2009.

OSHIKATA, C. T. et al. Atendimento de emergência a mulheres que sofreram violência sexual: características das mulheres e resultados até seis meses pós agressão. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 192-199, jan./fev. 2005.

PASSARINHO, N. A mulher que foi sequestrada com bebê de colo, virou escrava sexual e hoje ajuda vítimas de abuso. *BBC Brasil*, 29 out. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41761090> Acesso em: 01 nov. 2017.

PERILLOUX, C. et al. The Costs of Rape. *Archives Sexual Behaviour*, v. 41, n. 5, p. 1099-1106, Oct. 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs10508-011-9863-9.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SHIELDS, W. M; SHIELDS, L. M. Forcible rape: an evolutionary perspective. *Ethology and Sociobiology*, v. 4, n. 3, p. 115-136, 1985. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0162309583900262>. Acesso em: 23 mar. 2014.

SHUHAMA, R. et al. Behavioral and neuroimaging responses induced by mental imagery of threatening scenarios. *Behavioral Brain Research*, v. 313, p. 358-369, Oct. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bbr.2016.06.059>. Acesso em: 22 set. 2017.

SOLLERO-DE-CAMPOS, F.; WINOGRAD, M. Psicologia e biologia: algumas interações. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 11-30, jan./mar. 2009.

SOUTO, R. M. C. V. et al. Estupro e gravidez de meninas de até 13 anos no Brasil: características e implicações na saúde gestacional, parto e nascimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2909-2918, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2909.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

SOUZA, F. B. C. et al. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. *Reprodução e Climatério*, São Paulo, v. 27, n. 3, p.98-103, set./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.recli.2013.03.002> Acesso em: 11 out. 2017.

TRONCO, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 254-269, jun./dez. 2012.

VAN BERLO, W.; ENSINK, B. Problems with Sexuality after Sexual Assault. *Journal Annual Review of sex Research*, v. 11, n. 1, p. 235-257, Nov. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10532528.2000.10559789> Acesso em: 12 out. 2017.

VENTAS, L. Como mulheres violentadas conseguem superar o trauma e redescobrir o prazer sexual. *BBC Mundo*, 08 mar. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39193618> Acesso em: 1 nov. 17.

VOLCHAN, E. et. al. Is there tonic immobility in humans? Biological evidence from victims of traumatic stress. *Biological Psychology*, Amsterdam, v. 88, n. 1, p. 13-19, Sept. 2011.

WEAVER, T. L. Impact of rape on female sexuality: review of selected literature. *Clinical Obstetrics and Gynecology*, Hagerstown, MD, v. 2, n. 4, p. 702-711, Dec. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. 2013. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf?ua=1 Acesso em: 15 nov. 2017.